

# A IDEIA DA LÍNGUA UNIVERSAL EM LEIBNIZ

# PARTE I

UMA APRESENTAÇÃO DO  
PROJECTO FILOSÓFICO

# O Projecto

- O projecto leibniziano de uma língua universal não é um projecto completamente definido e autónomo. É antes uma síntese mais ou menos clara de vários projectos, estes sim, programaticamente delimitados.
- A ideia inicial de uma língua universal é a concatenação dos seguintes projectos: a Arte Combinatória, a Característica Universal, a Enciclopédia Universal. (Projecto Filosófico)
- Porém, numa segunda fase a ideia geral da língua universal já inclui um outro projecto: o aperfeiçoamento de uma língua natural. (Projecto Linguístico)

# A Arte Combinatória

- A Arte Combinatória foi concebida como o projecto de uma «lógica mais sublime» do que a «lógica vulgar» (a lógica aristotélica ou silogística), ou seja, como uma **Matemática Universal**.
- O propósito subjacente a este projecto era o de criar um sistema de regras segundo o qual se pudesse estabelecer todas as combinações possíveis de um conjunto dado de símbolos.

# A Arte Combinatória

- O projecto da Combinatória tem como fundamento a ideia de que todo o pensamento não é senão **cálculo** ou **combinação** de conceitos.
- O princípio filosófico subjacente ao conceito de «combinação» é o de que todas as verdades podem ser deduzidas de um pequeno número de verdades simples; por contraposição, todas as ideias podem ser reduzidas por decomposição, ou análise conceptual, a um pequeno número de ideias primitivas e indefiníveis.

# A Característica Universal

- Ao contrário de outras concepções, Leibniz defende que a «contemplação» dos caracteres permite a penetração no íntimo da natureza das coisas. Isto significa que um estudo cuidadoso da relação entre caracteres e conceitos é uma parte essencial do método filosófico.
- Caracteres Reais: todos os signos (escritos, desenhados ou esculpidos) que representam directamente, não as palavras, letras ou sílabas, mas as coisas ou ideias.

# A Característica Universal

- De entre os caracteres reais existem aqueles cuja função específica é **representar** ideias/coisas (e. g., hieróglifos egípcios, caracteres chineses, símbolos químicos, etc.) e aqueles cuja função específica é **raciocinar** (algarismos aritméticos e signos algébricos).
- A Característica permitiria construir símbolos que seriam «representações transparentes» das ideias (algo que os signos da linguagem natural não facultam), mas também permitiria, juntamente com a Combinatória, reduzir os raciocínios a simples **actos mecânicos**, tornando-os menos falíveis e mais intuitivos.

# A Característica Universal

- A duplicidade do conceito de Característica:
  1. Um sistema de signos que possuem um conteúdo determinado e que correspondem exactamente, na sua estrutura, à forma das ideias;
  2. Um plano para uma ciência geral das formas: um cálculo simbólico cujo objecto principal seria a formalização de padrões de inferência. (Em conjugação com a Combinatória)



# A Característica Universal

- Esquema geral da Característica:
  1. A redução de todos os conceitos num conjunto de conceitos primitivos não-analisáveis (o «alfabeto do pensamento humano»). (Em conjugação com a Enciclopédia)
  2. A estipulação de signos “convenientes” para representar cada um dos conceitos primitivos.
  3. A formulação de regras para a combinação de caracteres que expressem as relações lógicas entre os respectivos conceitos. (Em conjugação com a Combinatória)

# A Enciclopédia Universal

- A ideia da Enciclopédia Universal é a «compilação de todos os conhecimentos humanos», tanto históricos como científicos, dispostos por uma ordem lógica e segundo um método demonstrativo, começando pelas definições de todos os termos simples e primitivos (que formam o alfabeto do pensamento humano).
- Uma **função preliminar** da Enciclopédia Universal, e essencial à constituição da Car. Univ., consistiria em proporcionar definições precisas dos conceitos primitivos para que se pudesse decompor as ideias complexas em simples.

# A Enciclopédia Universal

- Segundo Leibniz, a Enciclopédia Universal deveria constituir a «*perennis philosophia*» de modo a reconciliar todos os pensadores segundo uma doutrina comum e impessoal, susceptível de um progresso *ad infinitum*. Este carácter comum faria com que esta fosse um guia nas investigações científicas.
- A Enciclopédia seria, por outro lado, um sistema das ciências, começando pelas mais abstractas (lógica, matemática, física), passando pelas ciências práticas (moral, direito, política), acabando nas ciências gerais (metafísica e teologia).

# A Língua Universal

- Críticas de Leibniz aos projectos de uma língua universal anteriores:
  1. Eram meros sistemas de “criptografia”, aonde a correspondência entre os nomes e os conceitos era arbitrária e artificial.
  2. Careciam de uma base lógica e filosófica e o único interesse subjacente era meramente prático (comunicação).
  3. Permitiam ambiguidades entre os termos, pois possuíam múltiplos significados.

# A Língua Universal

4. A falta de sinónimos exactos entre os termos das línguas naturais e os termos dos diversos sistemas, o que fazia com que não houvesse correspondência entre uns e outros.
5. A não consideração da necessidade da formulação de uma Gramática Racional.
6. A dificuldade em memorizar os inúmeros signos e os respectivos conceitos existentes em cada uma das línguas.

# A Língua Universal

- A escrita universal que Leibniz concebeu será muito simples de aprender e fácil de assimilar, pois repousa sobre um fundamento lógico, a saber sobre a análise completa dos conceitos reduzindo-os assim a termos simples.
- Cada termo simples será representado por um signo, o mais apropriado possível, compondo assim um alfabeto ideográfico, composto de símbolos que representem os conceitos elementares.

# A Língua Universal

- Como os conceitos simples serão em muito pequeno número, bastará saber o alfabeto lógico para poder ler e compreender um texto escrito neste sistema sem ser necessário nenhum dicionário.
- Além do mais a sua Característica Real terá a mais valia de fazer corresponder as ideias compostas e os respectivos símbolos de tal modo que essa correspondência será natural, e não convencional.

# A Língua Universal

- Isto mostra que, para Leibniz, a Característica Real, por representar **directamente** as ideias, permitiria a cada povo ler e traduzir um texto, nela expresso.
- Para além do método **a priori**, Leibniz opta também por um método **a posteriori** de constituição da língua universal.
- Leibniz opta por partir das línguas vivas, de onde seriam extraídas, por análise lógica, as ideias a exprimir e a combinar; e uma gramática racional, simplificando, regularizando e unificando as gramáticas das diferentes línguas.



# A Língua Universal

- Segundo Leibniz, a análise de ideias seria facilitada ou substituída pela análise dos caracteres, ou símbolos sensíveis do pensamento, isto é, a linguagem.
- A análise linguística consistiria, por um lado, na redução, por meio de definições, de todos os elementos do discurso em termos mais simples, e quando não se pudesse mais decompô-los, explicá-los-íamos indicando o seu significado pelo método da equivalência.

# A Língua Universal

- Em segundo lugar estudar-se-ia a sintaxe, isto é, as diversas maneiras de reunir e de combinar os elementos do discurso.
- Ao contrário dos seus predecessores, Leibniz defende que para cada ideia deverá ser encontrada uma «expressão natural» que traduza a sua composição lógica e que seja, portanto, a sua fórmula.

# A Língua Universal

- É exactamente o que faz a Definição, pois definir uma ideia é decompô-la em ideias mais simples e, em última instância, em ideias absolutamente simples e irreduzíveis. O carácter de cada ideia será composto pelos caracteres que designam todos os seus elementos.
- Nesta medida o nome de cada ideia ou de cada coisa exprimiria a sua definição e, como todas as propriedades de uma coisa/ideia decorrem logicamente da sua definição, o nome da coisa/ideia será a «chave» de todas as suas propriedades.

# Parte II

## A INFLUÊNCIA HOBBIANA

# Introdução

- Tal como um sistema aritmético ou geométrico pode ser obtido apenas a partir de um **núcleo fundamental** de conceitos (e.g., números naturais na aritmética, pontos na geometria), assim também se pode proceder para construir uma língua universal, extraíndo de um pequeno conjunto de símbolos “a totalidade dos conteúdos de pensamento” (OP, p. 128).
- Podemos pensar a ideia leibniziana como a procura de um **isomorfismo** entre um conjunto de caracteres, e suas combinações inteligíveis, com o conjunto de todas as verdades possíveis de serem apreendidas pelos homens.

# A Influência Hobbesiana

- “O uso geral da linguagem consiste em passar o nosso discurso mental para um discurso verbal, ou a cadeia dos nossos pensamentos para uma cadeia de palavras.” (Hobbes, *Leviatã*, p. 44)
- Para Hobbes, este uso da linguagem tem duas utilidades:
  1. Servir de **marcas** ou **notas** de lembrança do pensamento.
  2. Significar aos outros aquilo que se concebe (**sinais**).

# A Influência Hobbesiana

- Hobbes distingue quatro categorias de nomes:
  1. De matéria ou corpo (e.g., 'vivo', 'sensível', 'racional');
  2. Abstractos. Significam propriedades da matéria (e.g., 'vida', 'movimento', 'calor');
  3. De fantasias. Significam propriedades da nossa afecção ('visão', 'audição', 'cor');

# A Influência Hobbesiana

4. E, por fim, nomes de nomes ('universal', 'afirmação', 'negação').
- Estes são todos os tipos de nomes que Hobbes considera **positivos**: que designam algo que existe ou que pode ser concebido pelo homem como existente.
  - Mas existem também nomes **negativos**. Contudo, estes nada mais fazem do que negar aqueles primeiros (e.g., 'nada', 'ninguém', 'infinito').



# A Influência Hobbesiana

- Todos os nomes para além destes, diz Hobbes, são meros sons sem significado.
- O modo como Hobbes apresenta a linguagem está assim muito mais perto de uma língua técnica e científica do que de uma língua natural.
- Isto tem reflexo em Leibniz, principalmente quando este expõe os seus projectos de aperfeiçoamento de uma língua natural.
- Leibniz elogia a língua alemã por ter muitos nomes concretos e poucos barbarismos ou termos obscuros da tradição escolástica.

# A Influência Hobbesiana

- Por outro lado, vemos também que a ciência é finalidade comum e principal das ideias sobre a linguagem destes autores.
- No entanto, o âmbito das suas concepções é distinto. O aperfeiçoamento de uma língua natural é suposto dar origem a uma língua científica universal, mas esta universalidade está ausente nos textos de Hobbes (a preocupação de Hobbes parece ser mais localizada).

# A Influência Hobbesiana

- Outro tema importante no qual o pensamento de Leibniz se encontra com o de Hobbes é o da **razão como cálculo**. Ambos entendem o raciocínio como uma faculdade calculadora e concordam em aplicar o cálculo a assuntos para além da matemática.
- Apesar disto, há diferenças entre o que ambos entendem estritamente por calcular. Primeiro, afastam-se quanto aos próprios objectos usados nos cálculos ou demonstrações – os nomes para Hobbes, e os caracteres para Leibniz.

# A Influência Hobbesiana

- Como Hobbes é **nominalista**, os nomes gerais são apenas um aparato simplificador para nos auxiliar a designar várias coisas que têm algo em comum e que, por isso, podem ser como que indexadas por um mesmo nome.
- Ou seja, para Hobbes, só os nomes são universais. E se eles não forem usados correctamente com as suas definições então são mais um estorvo do que um instrumento útil para a ciência.

# A Influência Hobbesiana

- Ao invés, Leibniz concebe um uso tal dos caracteres que, nos cálculos, tornaria dispensável o conhecimento das suas definições.
- Metaforicamente, poder-se-á dizer que é como se os caracteres, inseridos no sistema de cálculo, ganhassem significado por si próprios e permitissem-nos dessa forma chegar a conclusões verdadeiras sem conhecermos as definições (pressupondo, no entanto, a correcta aplicação das regras de cálculo).

# PARTE III

A CRÍTICA CARTESIANA E A  
RESPOSTA DE LEIBNIZ

# A Posição Cartesiana

- A língua universal “depende da verdadeira filosofia, porque é impossível de outro modo decompor todos os pensamentos dos homens, pô-los em ordem, ou distingui-los de forma a serem claros e simples” (Descartes, OP, p. 129).
- Se estivermos na posse das ideias primitivas a partir das quais todos os outros pensamentos se compõem, então poder-se-á criar uma língua universal atribuindo um e um só carácter a uma e uma só daquelas ideias (OP, pp. 128-129).

# A Posição Cartesiana

- Podemos entender a posição cartesiana como um argumento por *modus tollens*. Vejamos:
  1. A verdadeira filosofia é condição necessária de uma língua universal.
  2. Não há verdadeira filosofia.
  3. Logo, não há língua universal.



# A Posição Cartesiana

- Sintetizando, o argumento estabelece que **enquanto** não houver verdadeira filosofia, não poderá haver uma língua universal.
- É isto um problema para o projecto leibniziano?
- Dependendo de considerarmos possível ou impossível a posse da verdadeira filosofia, entenderemos este argumento, no primeiro caso, como uma **dificuldade** à constituição de uma língua universal, ou, no segundo caso, como uma **refutação** de tal projecto.

# A Posição de Leibniz

- “(...) os caracteres verdadeiramente reais e filosóficos devem corresponder à análise dos pensamentos. É verdade que esses caracteres pressupõem a verdadeira filosofia (...) [mas a] língua [universal] (...) não depende da sua perfeição” (Leibniz, OP, p. 130).
- Assim, no argumento cartesiano ‘verdadeira filosofia’ significaria mais do que o necessário para a constituição de uma língua universal.

# A Posição de Leibniz

- Portanto, para Leibniz, ao contrário de Descartes, a verdadeira filosofia podia estar ainda inacabada e em construção sem que isso inviabilizasse a criação de um 'alfabeto dos pensamentos'.
- Ademais, para Leibniz a construção da verdadeira filosofia acabaria por se dar lado a lado com a construção de uma língua universal. Para novos conhecimentos criam-se novos caracteres e, por sua vez, na posse destes é possível atingir novos conhecimentos a partir das novas combinações simbólicas que eles agora possibilitam (OP, p. 130-131).

# A Posição de Leibniz

- Leibniz vê como que uma reciprocidade entre a língua universal e o conhecimento. Neste ponto opõe-se a Descartes por uma atenção, digamos, pragmática.
- Ou seja, se estivéssemos à espera do conhecimento perfeito das verdades primitivas (axiomas), então não iríamos sequer chegar a constituir uma língua universal (v. analogia com a geometria).

# Conclusões da Discussão

- Para Descartes, criar uma língua universal sem a verdadeira filosofia seria como deduzir uma conclusão sem se ter todas as premissas necessárias para tal efeito.
- A ideia cartesiana sobre a verdadeira filosofia pode então ser entendida em termos de **completude**, e não de **perfeição**, dos dados básicos do pensamento.
- Seria assim necessário ter-se todos os conhecimentos básicos dos quais todo o conhecimento possível poderia deduzir-se, mas não as provas dos próprios fundamentos, como seria perfeito.

# Conclusões da Discussão

- E é aqui que reside, neste debate, a principal diferença entre Descartes e Leibniz. Este pensava haver uma relação recíproca entre a língua universal e o conhecimento, enquanto que aquele pensava em estabelecer o método de conhecimento de uma vez por todas, excluindo assim a possibilidade de novos conhecimentos fundamentais virem a ser posteriormente acrescentados.

# Conclusões da Discussão

- Ambas as posições têm, no entanto, razões fortes a seu favor. Daquele modo Descartes pretendia impedir que:
  1. o uso da língua universal impossibilitasse conhecer algo que é cognoscível.
  2. houvesse espaço para falsidades no sistema.
- (da incompletude dos dados básicos do pensamento (1) e (2) são possíveis)

# Conclusões da Discussão

- Ao invés, Leibniz, tendo em conta a utilidade de um tal instrumento, pensava que uma língua universal, mesmo não sendo a melhor das línguas universais possíveis, desde a sua criação, sempre era melhor do que nenhuma e, para além disso, poderia ir sendo aperfeiçoada.



# BIBLIOGRAFIA

- Louis Couturat, *La Logique de Leibniz, d'après des documents inédits*, Paris, Georg Olms, 1969 (1<sup>a</sup> ed. Paris, 1901).
- Olga Pombo, *Leibniz e o Problema de uma Língua Universal*, Lisboa, Edições Colibri, 1<sup>a</sup> ed. 1997.
- Thomas Hobbes, *Leviatã*, Prefácio de João Paulo Monteiro, Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva, Lisboa, INCM, 3<sup>a</sup> ed., 2002.